

RESENHA

SANDMANN, Antonio J. (1990) *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba, Ed. UFPR.

Resenhado por: Laís Furquim de AZEVEDO (PUC - São Paulo)

No Brasil, no setor editorial, têm sido escritos trabalhos sobre morfologia, em geral sob tratamento tradicional. Mais recentemente, trabalhos como os de Basílio (1980) vieram difundir, entre professores e pesquisadores, o tratamento morfológico da teoria gerativa. A obra de Sandmann, aqui analisada, inscreve-se entre estes.

O trabalho propõe-se a examinar "a capacidade que o falante nativo do português atual tem de formar e entender palavras novas", portanto a descrever a competência desse falante. Seus exemplos foram retirados, em geral, da mídia impressa, já que saíram, na sua maioria, das páginas do anterior "Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo" (Ed. Ícone, 1989).

O conceito de produtividade a que se refere o autor é, portanto, em princípio, o de Aronoff (1976) e implica não a frequência com que as formações aparecem na língua, i.e, o nível de utilização do processo (Basílio, 1990), mas a disponibilidade da regra para o falante (Corbin, apud Basílio), de modo a que este possa utilizá-la. No entanto, essa visão de produtividade se confunde, às vezes, na obra com a de frequência de produção, como nas últimas linhas da Introdução, quando faz referência a "regras muito produtivas... caso, por exemplo, da formação de nomes de ação em -ção e -mento", e em outras partes do trabalho, quando fala em maior ou menor produtividade de regras. O leitor deve, portanto, estar avisado para essa

duplicidade de sentidos das palavras produtivo e produtividade. Na verdade, o autor trabalha com restrições e bloqueio, que determinam maior ou menor produção de palavras pelas regras, cuja produtividade (disponibilidade para o falante) é restringida ou bloqueada por vários fatores.

O trabalho define, na Introdução, seu tema central, a produtividade, mostrando que a competência do falante está não só em formar mas também em entender novas formações (regras produtivas) e, ao mesmo tempo, evitar as não previstas pelo sistema (caps.3 e 4). Endossa, com Basílio, (1980), as Regras de Análise Estrutural, cuja função - a de possibilitar ao leitor/ouvinte a apreensão de estruturas com morfemas presos (regras improdutivas) - era, anteriormente, atribuída por Aronoff às Regras de Formação de Palavras.

A seguir, situa seu subtítulo: as restrições - limitações impostas pelo sistema às regras e portanto à produção - assim como o bloqueio, termo usado por Aronoff para definir a rejeição pelo léxico de uma sinónmia completa entre duas entradas. O bloqueio, é, também, entrave à produção lexical.

Ainda na Introdução, dá uma visão geral das abordagens morfológicas, partindo da gramática tradicional, passando pelo estruturalismo, pela gramática gerativa transformacional até seu ponto de ancoragem, a hipótese lexicalista de Chomsky, devidamente reformulada por Halle e Aronoff. O autor poderia ter-se estendido um pouco mais aqui, analisando as propostas de Halle (1973) e de Aronoff (1976), o que teria, mais justificadamente, embasado seu trabalho. Forneceria, assim, aos leitores um apoio teórico mais sólido, mesmo tendo em vista a justificativa do tratamento adotado na presente abordagem.

No capítulo 2, observa de mais perto o fenômeno da produtividade lexical. Ao examiná-la, confrontada com a sintática, aponta para o caráter esporádico dos itens lexicais, de "semi-produtividade" (em que sentido estaria ele usando "produtividade" aqui?), devido à existência de lacunas para dadas

formações, ao contrário das regras sintáticas, que se aplicam sem restrições. Há, por exemplo, para sufocar, sufocação, sufocamento e sufoco, mas para plantar há apenas plantação e plântio e, se para receber há recepção, recipiente e receita, para perceber há só percepção.

Em Produtividade e Lexicografia, Sandmann adverte que o Dicionário não reflete realmente o número de palavras existentes no léxico da língua, já que "a forma cujo significado é a simples soma dos significados dos elementos componentes pode ser omitida" pelo lexicógrafo, como os advérbios em -mente, restando elencar as formas derivadas não inteiramente transparentes, seja por problemas de truncamento seja por evolução semântica, como no caso de ão, não mais aumentativo em fardão e calção.

Ao tratar de Produtividade e Idiomatização, mostra que muitas formas, com o passar do tempo, perdem seu sentido original ou adquirem um sentido a mais, idiomatizando-se, possibilitando que outra formação se faça com a mesma regra. Entre os exemplos obtidos pelos autor aparece "minoría desprezável" (que se pode desprezar), evitando-se desprezível (vil, digno de desprezo).

Elencando os tipos de formação de palavras, Sandmann faz um apanhado de parte de sua tese de doutorado (FPPBC, 1989), examinando os vários tipos de formação de palavras encontráveis na mídia impressa brasileira.

Ao analisar os caminhos abertos à produção (não à produtividade), o autor examina preferências de bases por determinados sufixos, mostrando que, com essa preferência, há freqüência maior dessas formações, ora determinadas fonologicamente, ora morfológicamente. Exemplo é o sufixo -idade, preferido por bases terminadas em -oso, -al, -il, -az, -ável, -ível, -ivo.

Um outro aspecto enfocado é a produtividade em relação à pejoratividade. O sentido negativo das expressões pejorativas é provido pelo sufixo mas também e principalmente pela base, que contamina o sufixo. Exemplos são o sufixo -ice, -ismo, -agem, -eiro, -óide, -ite.

-ento, -esco. Vários e significativos exemplos são fornecidos.

Num outro subtítulo, o da produtividade e os radicais presos, seguindo Basílio (1980), admite haver um interrelacionamento entre as regras de formação de palavras e as de análise estrutural, o que possibilita não só a análise de formações com radicais presos mas também, contra a posição de Aronoff, a criação de palavras novas a partir de radicais presos como priorizar.

Sobre os empréstimos, nota Sandmann a presença da influência de estruturas do inglês, relativamente à ordem, nos compostos como moto-gincana ou rádio-patrolha. Outras formações são ainda elencadas.

Sobre a relação entre produtividade e pragmática, mostra o autor que alguns termos não existem por razões pragmáticas. P.ex., desossar não vem de um verbo *ossar, ou descarnar de *carnar, porque tais processos, sendo naturais, descartam a necessidade de expressão por meio de signo lingüístico. Tais lacunas advêm, portanto, de fatores extra-lingüísticos.

Examinando a produção lexical nos compostos e relacionando-a com a metáfora e a metonímia, o autor estabelece a distinção entre palavra composta e grupo sintático paralelo. Essa distinção foi mais amplamente desenvolvida em seu trabalho "O que é um composto" (D.E.L.T.A., 6, n.1, 1990). Há, aí, a ressaltar a proveniência metafórica ou metonímica da maioria dos compostos, parecendo a primeira mais geral que a segunda.

Ao falar de renovação e inovação, nota-se que sufixos em desuso se submetem a processos de renovação, enquanto em outros há uma inovação no sentido de alargamento de sua semântica, como -lândia, que passou a designar também lugar onde se compra ou se encontra algo: Brinquedolândia, Eletrolândia, etc.

No capítulo 3, Restrições à Produtividade Lexical, Sandmann mostra que o conceito de restrição se refere aos casos em que a regra de formação de palavras, embora produtiva, não pode ser aplicada. Não se pode juntar sufixos a uma base qualquer devido a limitações de ordem fonológica, morfológica ou semântica. No caso dos compostos,

as restrições são de ordem sintática e algumas são pragmáticas.

Como restrições a bases de derivações temos, entre as fonológicas, aquelas que evitam ligar-se um sufixo a uma base se ambos terminam com o mesmo som. Assim, os verbos formados por -ecer formam os substantivos em -mento e não em -ção (*enfraquecção).

Também restrições morfológicas são aí encontradas. Verbos como os terminados em -izar dão preferência ao sufixo -ção, na formação de substantivos abstratos: civilizar, civilização. Igualmente, há rejeição à junção do mesmo afixo do qual a base é formada: *posicionação, *instrumentamento ou *rereler. *livrinhozinho, etc. Do mesmo modo, a palavra de cunho popular rejeita o sufixo erudito, p.ex., hiper-chato. Também a ordem dos sufixos é uma restrição morfológica. O sufixo -idade, p.ex., é final na cadeia de morfemas, havendo restrição à afixação de outro, após este.

Há, ainda, restrições semânticas: -ento, p.ex., só se une a bases negativamente conotativas: sarmento, aranhento, mas não *florento. Assim também, sufixos de significados opostos não se juntam: *livrãozinho ou *livrinhozão. O sufixo -udo, igualmente, só se une a palavras que designam características físicas semânticas ou qualidades morais: cabeludo, cabeçudo, sortudo, classudo. Outros sufixos e mesmo os compostos apresentam restrições dessa ordem.

Como restrições sintáticas, o autor aponta o fato de certas formações se unirem a determinada categoria gramatical ou classe de palavra e não a outra. -Ante, p.ex., une-se a verbos dinâmicos (frustrante), -oso forma substantivos a partir de adjetivos (formoso), -eza, -ice, -idade unem-se a adjetivos para formar substantivos, etc.

Ao estudar os compostos, Sandmann mostra que as maiores restrições são sintagmáticas, isto é, em relação à ordem ou seqüência em que os elementos que formam o composto se encontram. Quanto à colocação adjetivo+adjetivo ou substantivo +substantivo, diz ele, a ordem é indiferente. E exemplifica: professor-médico/médico-professor. Essa afirmação deixa margens à discordância. Um professor -médico é primordialmente professor, exercendo a medicina eventualmente, da

mesma forma que o médico-professor é intrinsecamente um médico, exercendo às vezes o papel de professor. A topicalização é significativa. Assim, a ordem não é indiferente.

Terminando esse capítulo, Sandman faz considerações sobre a produção lexical, relacionando-a com a Estilística. Concorda com Motsch (1970) em que "quanto menos uma regra é utilizada, tanto mais forte é o efeito de seu desempenho lingüístico criativo". O autor acrescenta a isso a violação às restrições à produção. Uma formação como estrelíssima, p.ex., alcança uma função expressiva/apelativa bem maior que grande estrela.

O capítulo 4 é dedicado ao Bloqueio - impossibilidade de ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra com o mesmo significado. Aronoff (1976) - não só Basílio (1980), como aponta o autor - mostra que a produtividade é diretamente afetada pelo fenômeno. Assim, muitas formações, das quais Sandmann aponta um número expressivo, são abortadas devido ao uso já consagrado de uma forma para aquele significado.

O bloqueio pode ocorrer entre formas derivadas de sufixos rivais em função, como -ção e -mento, ou -ez e -dade (facilidade/*facilidez) ou a forma regressiva e a correspondente sufixal (engorda/*engordamento). A medida que um sufixo se expande semanticamente são possíveis as duas formações: salvamento/salvação, claridade/clareza.

Há também bloqueio de formas complexas por formas simples ou outras formas complexas. O adjetivo ridículo, substantivado, bloqueia *ridiculeza ou *ridiculidade, estreito bloqueia inlargo e assim por diante.

Aborda o autor, também, a relação entre bloqueio e estilística, a que faz menção no primeiro capítulo. É a formação nova, inusitada, que se mostra mais expressiva. Assim, formas que desafiam o bloqueio criam a sensação do novo. Estreludo, p.ex., para cheques, em vez de estrelado desacata o bloqueio para obter um resultado expressivo eficiente.

Na linguagem infantil, o bloqueio é continuamente desrespeitado. A formação morfológica aí, diríamos, denuncia o que a criança conhece e o que não conhece a respeito da formação vocabular de sua língua, indicando etapas na aquisição da morfologia .

O último capítulo é dedicado a um teste de sondagem de competência lexical, a partir "de algumas palavras novas, formadas para a ocasião, de acordo com regras vivas do português atual"(p.84), portanto produtivas. Esse teste teve como finalidade examinar a sensibilidade do leitor para restrições e bloqueios assim como sua aceitação de palavras possíveis na língua, testando-lhe a competência lexical.

O trabalho de Sandmann, fartamente ilustrado com exemplos representativos da criação mais atual de palavras, vem trazer uma contribuição nova e significativa aos estudos morfológicos do português brasileiro. É um trabalho que indica caminhos e levanta perguntas .

(Recebido em 02/06/1992)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M.(1976) *Word Formation in Generative Grammar*.Cambridge, Mass.: MIT Press.
- BASILIO, Margarida (1990) "Produtividade e Função e Produção Lexical no Português Falado"-mimeo
- (1980) *Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa*.Petrópolis: Vozes.
- HALLE, M.(1973) "Prolegomena to a Theory of Word Formation".*Linguistic Inquiry*, 4: 3-16.